



SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE “SER *HOMEM*”

Raquel Souza¹

Introdução

Em minha pesquisa de mestrado, concluída em março de 2009, discuto como jovens negros e pobres significam a masculinidade. O trabalho foi realizado a partir de grupos de entrevista – com 14 rapazes moradores da cidade de São Paulo –, que permitiram identificar nuances significativas no modo como os participantes atualizavam e/ou rompiam com visões acerca de uma pseudo natureza superior dos homens, bem como com uma visão heterossexuada do mundo, na qual a sexualidade considerada como “normal” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. Foi possível reconhecer também maneiras singulares no modo como os entrevistados articulavam questões concernentes à masculinidade e especificidades da experiência de pobreza e/ou discriminação racial. A identificação dessas variações mobilizaram a construção de um segundo momento empírico, com vistas à identificar a trajetória de socialização dos participantes da etapa anterior. Tal tentativa derivou do reconhecimento de que a construção da masculinidade é uma experiência coletiva e individual em constante transformação. Trabalhou-se com a hipótese de que era possível verificar, mesmo num grupo aparentemente uniforme, variações de valores, ainda que permeadas por traços comuns do ideal de masculinidade hegemônica. Esse artigo debruça-se sobre alguns resultados desta pesquisa.

Percepções dos jovens e experiências socializadoras no âmbito da família

Após a análise dos conteúdos dos grupos de entrevista foi possível agrupar os jovens a partir de argumentos e sentidos atribuídos à masculinidade. Um grupo maior de jovens – universitários e rapazes de ensino médio concluído – inscreveu a masculinidade como resultante de uma história e sociedade, permeada por valores “*machistas*”, que organizam a vida e a trajetória de homens/mulheres e de homens/homens de modo particular. Já para o grupo de rapazes que possuía menor escolarização, aspectos referentes às fronteiras e hierarquias de gênero se articulavam com

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. raqsou@gmail.com



elementos “naturais”, inscritos em aspectos fisiológicos e psíquicos que distinguem os indivíduos segundo o sexo biológico.

No primeiro grupo (universitários e rapazes com ensino médio completo), argumentos em torno do que é “*ser homem*” se estruturaram a partir da constatação de que existiam inúmeras agências por meio das quais foram adquirindo determinados significados, hábitos e práticas atribuídas à conduta masculina. Foi na família, na igreja, nas brincadeiras de crianças, no jogo de futebol, no grupo de amigos que aprenderam a dissociar homens e mulheres, buscar vínculo com determinados atributos associados à virilidade e a reproduzir modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo. Ao mesmo tempo, reconheceram a existência de algumas experiências por meio das quais foi possível certa inflexão e a constatação de que muitas transformações sociais têm operado mudanças na agenda de homens e mulheres.

No plano familiar os jovens percebiam seus pais como donatários de valores em que predominava uma forte hierarquia nas relações de gênero e uma divisão entre trabalho doméstico e trabalho produtivo, em que se destacavam os papéis de trabalhador/provedor/pai e cuidadora/mãe. Todavia, reconheciam ambiguidades e fissuras nessa organização, tendo em vista que perdas e transformações de referências no espaço público forçaram suas famílias a construir novas dinâmicas no espaço privado. A precariedade do trabalho e o desemprego, o divórcio e/ou o falecimento de um dos membros adultos forçaram as famílias desses jovens a fazer ajustes que desarticularam configurações de acordo com posições, concepções e interações de cada um de seus membros.

Para jovens como Wagner², estudante universitário, e Fabrício, que possuía ensino médio concluído, a experiência familiar, desde a infância, mostrava sinais claros de mudanças. O desemprego de seus pais, a retomada dos estudos e/ou inserção no mundo do trabalho de suas mães, a divisão de responsabilidades domésticas entre os irmãos e irmãs eram avaliados como exemplos de uma relativa inovação no domínio das relações sociais de gênero – com a participação de todos os membros adultos no trabalho assalariado, uma divisão mais igualitária do trabalho doméstico e de maior iniciativa profissional das mulheres, ainda que em nome de um projeto de mobilidade social da família ou de seus filhos. Já Matheus, rapaz com ensino médio completo, visava construir uma experiência familiar mais igualitária tendo em vista a avaliação que fazia da relação de seus pais. O divórcio deles trouxe consequências como a necessidade da mãe procurar trabalho sem experiência, assumir sozinha a educação do filho e da filha, e a buscar por uma nova casa.

² Para preservar a identidade dos sujeitos desta pesquisa, todos os nomes utilizados são fictícios.



Ou seja, a família foi apresentada por esses jovens como um espaço socializador de diferenças e hierarquias de gênero, mas também figurou como um laboratório, onde se elaboram, ainda que com configurações diferenciadas, novos percursos masculinos e femininos, por vezes redefinindo as relações de gênero (Cabanes, 2006; Sposito, 1993). Nesse processo, alguns jovens declararam desempenhar funções importantes na negociação dessas novas configurações, mostrando uma evidente interferência dos mais novos no ordenamento da estrutura familiar.

Meu pai é super machista. Minha mãe voltou a estudar, mas teve a maior negociação lá em casa. Ele é muito tradicional, assim, de achar que mulher tem que ficar em casa. Eu e minha irmã, a gente pensa diferente e teve que apoiar minha mãe, porque se não ela não ia voltar [a estudar]. Ele [pai] só não implicou mais porque minha mãe é da igreja, tinha um lance de querer ler a Bíblia, então, ele acabou aceitando (Diogo, 19 anos, ensino médio concluído).

Ao estabelecer comparações entre a vida de seus pais, todos migrantes e com níveis de escolaridade que não ultrapassavam o ensino fundamental, esses rapazes reconheciam-se como sujeitos imersos num novo contexto. “*Ser alguém na vida*” como diziam para referir-se a um projeto futuro demandava de homens e mulheres um alto investimento no estudo, a conquista de uma profissão e a construção de uma carreira, mais do que a constituição de uma família e da casa própria. Diferentemente de outras gerações, segundo suas opiniões, moças e rapazes tinham pela primeira vez a possibilidade de construir trajetórias mais comuns em diferentes esferas e domínios sociais.

Essa ideia ganhava força, primeiramente, a partir do reconhecimento de que existia um fosso que distanciava a vida de seus avôs e pais e a deles. A esse respeito, foi comum a constatação de que a vida das mulheres mudou muito e, como decorrência, o lugar social ocupado por homens, bem como as respostas sobre o que é “*ser homem*” alteraram-se e sofreram deslocamentos. Como consequência das mudanças que afetaram particularmente a agenda das mulheres, viam a perspectiva do projeto de um homem provedor em decadência e, para justificar esse movimento, persistiram no argumento de que muitas mulheres jovens partilhavam com eles princípios mais horizontais de relacionamento conjugal e/ou afetivo. Foram os acontecimentos que levaram as mulheres a ter mais “*informação*” e sair do universo doméstico, que tornaram esse lugar social menos acessível.

Antes [no passado], a mulher se educava para ser dona de casa, mesmo que ela trabalhasse. Ela via o futuro dela ali: cuidando dos filhos. Hoje não! As meninas querem ter uma carreira, querem ter uma profissão. Tem mais meninas querendo fazer faculdade e eu acho que isso tem a ver com uma mudança de mentalidade e tal (Diogo, 19 anos, ensino médio concluído).

Falando do meu pai, acho que a gente é muito diferente, porque ele, na juventude dele, tinha outra ideia de projeto de vida. Entre a geração dele acho que tinha uma ligação entre trabalho e a vida, que o objetivo, um princípio da vida dele era trazer sustento para dentro de casa. A vida dele se resumia a isso. Acho que hoje a



gente já vive diferente, pode realizar algumas coisas, de ter a opção de buscar alguma coisa aleatória para a vida (Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído).

O argumento de Fabrício sobre a característica mais “*aleatória*” das trajetórias de vida, elemento que marcaria uma singularidade de sua geração, pode ser entendido como fruto de uma experiência urbana na qual os sujeitos se deparam com uma variedade de estilos de vida, por meio das quais estabelecem uma relação de estranhamento, adesão e trânsito. Essa argumentação ganha força quando consideramos o fato de que percebiam que, distintamente à experiência de seus pais, tinham mais oportunidades de acesso à escola, ao consumo e ao lazer e de que essa diferença estava vinculada à vida urbana e à rede de serviços disponíveis na cidade, mesmo que de forma precária. A argumentação dos rapazes torna pertinente a análise de Sposito (1997) para quem as transformações decorrentes da urbanização, do acesso à escola e de alterações no mundo do trabalho modificaram os “modelos de instalação” e de passagem para a vida adulta, inclusive para os jovens mais pobres e oriundos de famílias trabalhadoras.

Esse grupo de jovens tinha experiências bastante ampliadas de circulação por grupos e instituições e, como decorrência, não apenas percebiam-se como diferentes, mas reconheciam fazer parte de uma geração de sujeitos marcados pela diversidade. Quando falavam sobre as alterações nos modos de vida de moças e rapazes, os entrevistados não deixaram de estabelecer marcações como “*os meus amigos*”, “*os caras da rua*”, “*os maloqueiros*” e “*os bregas*”, “*nós*” e “*os outros*”. A sociabilidade e o consumo juvenil, bem como a maior ou menor adesão a alguns vínculos e valores institucionais da escola, da igreja, da família, de grupos juvenis, entre outros, despontaram como elementos que diferenciam trajetórias juvenis e a assunção de determinados hábitos. A emergência de novas estéticas, comportamentos e estilos de vida, a partir da convivência com outros jovens, a definição de grupos de amigos e práticas sociais foram capazes de forjar mudanças que diferenciam rapazes, construindo nuanças que, muitas vezes, resvalaram na definição de condutas masculinas. A adoção de determinados estilos de vida também torna pertinentes alguns “modelos” ou, pelo menos, um conjunto de práticas sociais e culturais comuns, que orientam suas condutas. Nessa perspectiva, a “aleatoriedade” das trajetórias juvenis se vinculava aos diferentes espaços de circulação, associação e pertencimento que os rapazes construíram e constroem.

O que aconteceu comigo? (...) Chega uma hora que a maioria dos nossos amigos de infância acaba deixando de ser seu amigo. Não é que você deixou de gostar, brigou e tal, mas é que as pessoas ficam diferentes. As diferenças que fazem você distanciar. (...) Se você curte uma arte, se você já trabalha, se você está na faculdade, tudo isso reflete na sua pessoa (Diogo, 19 anos, ensino médio concluído).

Eu acho que comecei a ficar diferente quando entrei pro teatro. As pessoas são completamente diferentes. São mais tolerantes com a homossexualidade, têm menos pudor com o corpo, essas coisas (...). Na quebrada, um



cara tem vergonha de dar um beijo num homem, não pode. É só aperto de mão e um tapa nas costas, mas no teatro, você, homem ou mulher, acaba abrindo mão do preconceito (Hélio, 25 anos, estudante universitário).

Onde eu moro existe duas formas de você ser homem: ou você é brega ou você é maloqueiro. Ser brega é você ser mais família, se espelhar mais nos seus pais. É aquele cara que vai do trabalho para a escola, vai para a faculdade, tem seu grupinho de amigos que também faz a mesma coisa. É aquela galera que vai para a igreja. Ser maloqueiro é aquele jeito mais bagunçado, não é? É o lado mais da comunidade, que você fica mais com os amigos, fica na rua, joga o seu futebol, se tiver treta, ele está no grupo (...). Mas eu? Eu não sou nem um nem outro, eu estou no meio disso (Renato, 24 anos, ensino médio concluído).

A movimentação desses sujeitos não pode ser avaliada somente a partir de lógicas integradoras. Mais do que adesão a uma determinada fonte de orientação, foi possível identificar uma sociabilidade ambivalente, caracterizada por um jogo de distância-proximidade entre diferentes direções. A oposição entre “*brega*” e “*maloqueiro*” se apresentava menos como dicotomias para os jovens entrevistados e mais como escalas de comportamento. De maneira geral, os rapazes buscavam manter uma sociabilidade na rua – na qual, às vezes, falar mal das mulheres “*galinhas*”, jogar futebol e consumir álcool garantia certa sociabilidade e circulação entre os pares – sem que, com isso, tivessem que abrir mão de determinadas orientações recebidas da família e noutras instituições ou grupos. Nessa dinâmica eles também não estavam desobrigados de demonstrar signos de domínio e de poder, manifestos na capacidade de mostrar desenvoltura nas experiências sexuais, na possibilidade de conquistar um patamar de consumo e na afirmação da heterossexualidade, reatualizando certo imaginário de masculinidade e suas conexões com relações assimétricas de poder.

No que diz respeito à homossexualidade, a argumentação dos jovens mais escolarizados explicitou certa ambiguidade. Para eles, as propagandas governamentais, a inserção da temática em novelas, a manifestação pública de movimentos de defesa dos direitos civis, como a Parada do Orgulho LGBT, contribuíram para maior tolerância à diversidade sexual. Mas, reconhecer que homens podem “*transar*” com homens, inclusive com eles, e manter relações de amizade com homossexuais era constrangedor para esses rapazes que temiam “*ser confundido*”. Ainda que esses jovens tenham mais tolerância, a homossexualidade continuava representando uma intimidação para a identidade masculina desses rapazes, sendo forte a necessidade de esconjurar a ameaça de tal acusação, mesmo que reconheçam o caráter arbitrário de um sistema classificador e hierarquizante.

Eu acho que eu tenho a cabeça mais aberta, mas eu vou falar a verdade. Às vezes, eu me pego no vacilo, participando de rodinhas com uns caras e falando mal de mina que pega um monte de cara, que está sendo tirada de galinha. Então, eu acho que isso ainda persiste na minha cabeça. (Diogo, 19 anos, ensino médio concluído).

Eu estava na Praça da República com os amigos da quebrada indo para a Galeria Olido pra ver um show de rap. Aí, mano, apareceu a Jenniffer, que é uma travesti que eu conheci num trampo que eu fiz. Ela é gente boa pra caralho, mas aí, veio me cumprimentar. Eu parei, tipo, meu, estou fodido. Eu parei e falei com ela, mas já



sabia. Foi ela virar as costas e os caras começaram a me alugar. Entendeu? (Matheus, 24 anos, ensino médio concluído).

Esse caminho foi diferente entre os jovens que não tinham concluído o ensino fundamental, entre os quais predominou a ênfase de argumentos que atribuíam a homens e mulheres um caráter distintivo, fundamentado em diferenças biológicas e psíquicas. Homens eram naturalmente mais fortes, brutos e ativos, enquanto mulheres eram, em essência, mais frágeis, afetivas e cuidadosas. Para esse grupo, as recentes transformações na vida de mulheres e homens tinham consequências negativas e resultaram do declínio de valores familiares. A sociedade estaria vivendo um período de declínio moral, perdendo referências como o “*respeito*”, traduzido na cumplicidade e lealdade dos relacionamentos estáveis como o namoro e o casamento, que garantiria fronteiras sobre o comportamento feminino e masculino. A homossexualidade seria oriunda dessa crise, bem como a hipererotização das relações entre os jovens.

Homossexuais eram descritos como “*doentes*”, como possuídos pelo “*demônio*” – menção realizada em tom de ironia – ou como subproduto de uma desordem social – especialmente no que diz respeito à aparição de jovens lésbicas. As manifestações do sexo nas letras de estilos musicais como o funk e o axé seriam comprovações dessa mudança comportamental que afetaria a vida de homens e mulheres, mas particularmente das jovens menos comprometidas com a preservação do “*respeito*” e busca por relações estáveis.

Os jovens de menor escolaridade estruturaram argumentos que tenderam a naturalizar a pulsão masculina por sexo, enquanto que ao universo feminino eram imputadas características de maior controle. Quando tratavam de comportamentos femininos que rompiam com esse padrão, portanto, avaliados como ilegítimos, não lhe era atribuída a mesma contingência que orientava a conduta sexual masculina, mas sim a vocação feminina para buscar vínculos com os rapazes, mesmo que de forma despuorida. Noutra argumentação, as mudanças no comportamento sexual das jovens resultariam de uma situação de desequilíbrio psíquico, oriundo de frustrações afetivas desencadeadas por rapazes.

As meninas de hoje já curtem funk, já é mais... Se quiser ir para o baile... a menina aparece de minissaia. Na [boate] Coreto, as minas que estão com a menor minissaia não pagam para entrar. Acontece muito dessas coisas, entendeu? Eles promovem a prostituição (Ricardo, 19 anos, estudante do ensino fundamental).

Muitas vezes, os caras não querem saber de nada com a mina. A mina se ilude, entendeu? Aí, o cara dá um pé na bunda dela e ela fica iludida da vida. Acaba ficando descrente, não quer nada com ninguém, fica com trauma. O problema é que ela fica errada, não é não? (Adilson, 19 anos, estudante do ensino fundamental).

Antigamente se um homem arrumasse uma mulher, ela ia se dedicar para ele. Hoje não é mais isso. Você tem dúvidas... Está muito ruim do jeito que está. Sei lá! O mundo mudou demais mesmo. Eu não sei o que passa na



cabeça das meninas para fazerem isso, mudou tudo, tudo... (Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental).

Para esse grupo de jovens, outro elemento que atentava contra as suas percepções de masculinidade, era a desestruturação do mundo do trabalho assalariado. A dificuldade em conquistar um emprego era, para eles, não apenas um desafio para obtenção de rendimentos, mas também a principal causa para um processo de desestruturação familiar. Nesse aspecto, é importante enfatizar que, assim como os jovens de maior escolaridade, esses rapazes também possuíam famílias que enfrentaram processos substanciais de reestruturação, decorrentes do desemprego do pai e da assunção de algumas responsabilidades como a manutenção dos rendimentos familiares por parte de suas mães. No caso de Denílson esse processo se deu com contornos trágicos e permeados pela violência urbana: seu pai, desempregado e alcoólatra, foi assassinado, no meio de uma via pública, quando ele ainda era criança. Todavia, para esse jovem, assim como para seus colegas de grupo, eram as responsabilidades atribuídas ao homem no interior da família, associadas à figura do provedor de teto e sustento, capaz de exercer sua autoridade a partir de um bom caráter e boa moral, que convertiam as dificuldades enfrentadas em processos de luta por sobrevivência e superação. Em sua narrativa, a nova união da mãe, com um homem religioso e trabalhador, era o principal ingrediente para a “normalidade” e rearticulação das bases materiais e simbólicas que organizavam seu núcleo familiar. Para os demais, o restabelecimento do emprego paterno e a “ajuda” deles e das mães, com a entrada no mercado informal, possuíam o mesmo valor apaziguador dos conflitos e desequilíbrios.

A partir de seus comentários e falas, foi possível compreender que a divisão do trabalho e os papéis no seio da família, embora fragilmente organizados, ainda eram inteiramente tradicionais e permaneciam como um ideal. Nenhuma contestação por parte de suas mães foi manifesta, pelo contrário, estas emergiram como sujeitos que encontravam alguma compensação no prazer de organização doméstica e da proximidade com os filhos. Nesse sentido, os esquemas de percurso paterno foram reproduzidos sob as mesmas formas sociais e com a mesma divisão do trabalho doméstico na geração seguinte. Eles foram postos à prova, mas não fracassaram como experiências socializadoras desses rapazes (Cabanis, 2006). Tornar-se chefe de família constituía-se em um projeto para esses jovens, cuja satisfação era possível com a obtenção de um emprego. As avaliações de Denílson e Adilson sobre as diferenças entre sua situação de vida e a experiência de homens de uma geração anterior foram sintomáticas.

Acho que homem tem que ter emprego. O cara sem emprego não é nada... Constituir uma família e ter seus filhos (...). Antes a coisa era melhor. O homem tinha seu pedacinho de terra, tinha tudo que precisava para



alimentar a família dele. Tinha tudo, não tinha essa violência, essa pilantragem que tem hoje. As pessoas eram mais honestas, não tinha tanta maldade (Adílson, 19 anos, estudante do ensino fundamental).

A vida deles foi muito diferente da nossa. Eu acho que naquele tempo eles não tinham muito tempo. Eles trabalhavam na roça e não tinha muito tempo para pensar, que nem a gente tem hoje. Mas a gente hoje não tem no que pensar, porque não tem emprego (Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental).

Nesse grupo de rapazes o passado agrário e rural foi tratado como um momento idílico em que os lugares sociais de homens e mulheres estavam mais bem equacionados. Isso porque o trabalho produtivo, central para a constituição de uma masculinidade “responsável”, mesmo sem prover homens de grandes fortunas, mantinha preservado o lugar social do homem. O declínio do trabalho remunerado, em especial o desalento em conquistar um emprego, privava-os das referências fundamentais de uma identidade social almejada: a do trabalhador/provedor/pai de família.

Considerações finais

As transformações das últimas décadas nos planos do trabalho e do emprego forçaram as famílias pobres a se adequar no plano privado aos novos modelos de organização da vida pública. Problemas aparentemente comuns mobilizaram, para algumas famílias, profundas transformações, ou pelo menos novas disposições, nas relações de gênero e na divisão do trabalho, impactando as expectativas e subjetividades das novas gerações. Ao mesmo tempo, para outras, os processos adaptativos se assentaram na reafirmação de determinados lugares sociais de homens e mulheres, influenciando igualmente a educação de seus filhos. Assim, as diferenças na socialização familiar dos jovens puderam ser entendidas a partir de lógicas de reprodução, mas também de inovação.

Jovens universitários, por exemplo, relataram certas expectativas de seus pais para que estudassem. Por sua vez, a premência de “trabalhar para ser alguém” era uma perspectiva mais enfatizada pelos jovens de menor escolaridade, sobretudo porque, de fato, suas bases econômicas e outros suportes (bolsas de estudo, apoio dos pais, trabalho remunerado) eram mais frágeis do que os daqueles que frequentavam o ensino superior. A tentativa de equilibrar essas duas lógicas foi comum nos depoimentos dos rapazes. Todavia, a tal equação dependia de suportes como creche, escola, emprego formal (deles ou dos pais). Por isso, a assunção individual de novos modelos de identidades sociais e de gênero não é suficiente para a conformação de novas masculinidades. Torna-se igualmente necessário um conjunto de mudanças de natureza mais ampla: é preciso transformar o direito, as instituições, os serviços públicos, as organizações de modo a repercutir em várias instâncias da vida pessoal e coletiva, incluindo a esfera doméstica.

Bibliografia



ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.

CABANES, Robert. Espaço privado e espaço público: o jogo de suas relações. In: TELLES, Vera da Silva et alli. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006, pp.389-432.

CORROCHANO, Maria Carla. *O trabalho e sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP, 2008.

MARTUCCELLI, Danilo. *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago, LOM Ediciones, 2007.

SOUZA, Raquel. *Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/6, São Paulo, 1997, pp.37-52.